

# “Sequestro foi comandado por um brasileiro”

PORTO ALEGRE (Sucursal) — Além de policiais do Dops gaúcho, também dois ou três militares do Uruguai participaram do sequestro dos uruguayos em Porto Alegre, em novembro do ano passado, numa operação comandada por um oficial do Exército brasileiro, cujo nome se desconhece, conforme afirmou ontem o jurista francês Jean Louis Weil, ao depor perante o juiz da 3.ª Vara Criminal, onde estão sendo processados os policiais Orandir Portassi Lucas, Pedro Seelig e Janito Kepler, acusados pelo sequestro.

Weil afirmou que a conclusão sobre os responsáveis pelo sequestro é compartilhada por diversas entidades, entre as quais a Federação Internacional dos Direitos Humanos, o Movimento dos Juristas Católicos Pax Romana, o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai, a Comissão de Direitos Humanos da OEA, além de outras entidades.

## EVIDÊNCIAS

Louis Weil apontou quatro razões para justificar a conclusão a que chegou junto com as entidades internacionais:

1) O depoimento dos jornalistas Luiz Claudio Cunha e João Batista Scalco concordava, até mesmo em detalhes, com os relatos de testemunhas de operações semelhantes ocorridas na Argentina e outros países.

2) Em todos os casos, sempre dois ou três uruguayos trabalhavam com militares e policiais dos países onde realizavam o sequestro de opositores políticos ao regime uruguayo.

3) Os sequestros sempre foram realizados nas casas dos uruguayos e os agentes esperavam contatos ou telefonemas de outras pessoas.

4) Aproveitavam-se das crianças para garantir a submissão dos pais.

O jurista exibiu uma lista, elaborada pelas entidades que representa, de três nomes que devem ter praticado o sequestro: 1) coronel uruguayo Gavazzo; 2) major Cordero (especializado em sequestro de crianças; 3) o delegado gaúcho Pedro Seelig. O francês ainda disse não haver provas de envolvimento de outras autoridades brasileiras, da esfera federal.

O delegado Pedro Seelig desmentiu que tivesse participado do sequestro dos uruguayos e disse “já estar acostumado a todo o tipo de acusações”, as quais atribui a ressentimentos pelas ações de combate à “subversão” que praticou quando dirigia o Dops gaúcho.